

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal: a economia do branqueamento de dinheiro sujo

Publicado em 2025-12-11 09:25:00



BOX DE FACTOS

- Rede de branqueamento sediada na Varziela, em Vila do Conde, a chamada «Chinatown do Norte», movimentou mais de 200 milhões de euros em dois anos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Em operações anteriores, a mesma constelação de serviços de branqueamento já tinha feito desaparecer dezenas de milhões para contas na China e outros destinos opacos.
- A Polícia Judiciária apreendeu apenas uma fracção: algumas centenas de milhares de euros em numerário, carros de luxo, imóveis — a espuma à superfície de um oceano de dinheiro invisível.
- Enquanto o Fisco persegue tostões de recibos verdes, centenas de milhões escapam-se, discretamente, pelo ralo bem oleado da economia paralela.

Portugal: a economia do branqueamento de dinheiro sujo

Portugal perde centenas de milhões em impostos, em investimento e em dignidade, enquanto uma economia paralela de malas de notas, contas descartáveis e

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

I vigiam, e a democracia jinge que não sabe.

A Chinatown do Norte como espelho do país

Há imagens que condensam um país inteiro numa única metáfora. A zona de armazéns da Varziela, em Vila do Conde, baptizada de «Chinatown do Norte», é uma delas. Ali, entre contentores, grossistas e armazéns de tudo e de nada, ergueu-se, ao longo dos anos, uma verdadeira máquina industrial de branqueamento: dinheiro vivo entra em sacos de plástico, atravessa a noite em carros discretos e reaparece, lavado e perfumado, em contas espalhadas pela Europa e pela Ásia.

Não estamos a falar de trocos: são mais de duzentos milhões de euros em apenas vinte e quatro meses, num único esquema desmantelado, construído em torno de meia centena de empresas-fantasma e mais de quatro centenas de contas bancárias abertas em nome de testas de ferro dispostos a alugar o seu nome pelo preço certo. É uma economia paralela que respira bem, que engorda, que expande tentáculos e que trata o sistema financeiro português como se fosse uma lavandaria aberta 24 horas.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

muitas vezes através de mecanismos pensados para agilizar a economia formal, como a famosa «empresa na hora». Esses instrumentos, desenhados para acelerar o empreendedorismo, tornam-se ferramentas perfeitas para a engenharia do crime económico. Em poucos dias, estão registadas dezenas de sociedades com moradas fictícias — um consultório de psicologia aqui, um escritório semi-abandonado ali — todas com o único propósito de abrir contas bancárias.

Nessas contas, entram todos os dias pequenos depósitos em numerário, em quantias cuidadosamente abaixo dos radares automáticos de **compliance**. O dinheiro não descansa: assim que é creditado, viaja para outra conta, depois para outra, até desaparecer em transferências internacionais com destinos opacos. Ao fim de alguns meses, a conta é abandonada, a empresa é deixada ao abandono, o testa de ferro é descartado. O único elemento que permanece, sempre robusto, é o fluxo: a corrente subterrânea de dinheiro sujo que atravessa fronteiras.

É uma economia de descartáveis: empresas descartáveis, contas descartáveis, pessoas descartáveis. O único elemento permanente é o cinismo estrutural do sistema, que aprende a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quando um país deixa sair, em poucos anos, centenas de milhões de euros de riqueza não declarada, não está apenas a perder impostos. Está a exportar, em bruto, aquilo que podia ser investimento em saúde, educação, investigação, salários mais dignos. Cada euro que foge em sacos de plástico é um lugar de hospital que não existe, um laboratório que não se constrói, uma bolsa de estudo que nunca chega aos miúdos talentosos das periferias.

Em vez de exportar conhecimento, tecnologia, cultura, Portugal exporta notas enroladas e lucros escondidos. A nossa grande «vantagem competitiva» está em ser discreto: um país simpático, com sol, peixe fresco e um sistema bancário suficientemente dócil para ser usado como corredor de passagem do dinheiro que não quer ser visto. Não é uma «start-up nation», é uma «laundry nation» disfarçada de postal turístico.

Bancos: vigilância de powerpoint, lucros de vida real

Em teoria, os bancos vivem obcecados com o combate ao branqueamento: formulários intermináveis, questionários invasivos, avisos em letras miudinhas sobre o perigo do

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Mas, misteriosamente, centenas de contas abertas em nome de pessoas sem património conhecido, associadas a empresas sem actividade visível, com movimentos diários de milhares e milhares de euros em numerário, conseguem sobreviver meses sem levantar suspeitas. É um milagre estatístico. Ou talvez não seja milagre: talvez seja apenas conveniência, inércia, lucro fácil e uma cultura de vigilância de powerpoint, feita para apresentações internas e relatórios, não para impedir realmente que as engrenagens girem.

Quando finalmente a Polícia Judiciária desmantela o esquema, os comunicados celebram-se com números redondos: contas apreendidas, imóveis arrestados, carros de luxo penhorados. Mas, se retirarmos a espuma, sobra um país que deixou fugir para fora fronteiras a parte mais densa da massa: o grosso do dinheiro já está longe, resguardado em jurisdições onde o Estado português entra apenas como nota de rodapé diplomática.

O teatro da firmeza e a realidade da rendição

Sempre que uma rede destas é apanhada, repete-se o ritual: conferência de imprensa, fotografias de notas alinhadas em cima da mesa, armas apreendidas, carros cintilantes debaixo

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

operações quase idênticas: anos de movimentações, dezenas de empresas de fachada, milhões e milhões a voarem para a China, para outros países europeus, para redes de burlas transnacionais. E a pergunta que fica, obstinada, é sempre a mesma: onde estava o Estado enquanto isto crescia? Onde estavam os relatórios de risco, as auditorias sérias, as sanções exemplares aos bancos que fecharam os olhos?

A resposta é desconfortável: o Estado aparece tarde e mal. Não porque não tenha técnicos competentes, mas porque a cultura política dominante é a do **faz-de-conta**. Faz-de-conta que se regula, faz-de-conta que se controla, faz-de-conta que se leva a sério o crime económico. E no entretanto, a realidade é uma rendição calma e silenciosa a uma economia subterrânea que aprende, adapta-se e volta a surgir outro lado, com outros nomes, outras contas, os mesmos padrões.

Evasão fiscal como modelo de negócio nacional

O mais trágico é isto: o branqueamento de capitais não é um acidente isolado; é o “serviço de valor acrescentado” de uma cultura de evasão fiscal que se banalizou. Grossistas que não declaram parte dos lucros, comerciantes que aprendem cedo

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

internacional, factura falsa se for preciso, tudo embrulhado no celofane de uma pseudo-normalidade.

Portugal construiu, sem nunca o admitir, uma economia do cinzento: nem totalmente negra, nem verdadeiramente transparente. Uma economia que vive do expediente, do arranjo, do esquema engenhoso; onde o pequeno truque e o grande crime partilham o mesmo ADN cultural, apenas separados pela escala e pela geografia.

Um país cansado que ainda não se zangou o suficiente

Talvez o mais devastador seja a reacção social: um misto de indignação breve e resignação profunda. Indignamo-nos um dia, comentamos nas redes, enviamos um link pelo WhatsApp, e no dia seguinte seguimos em frente. O escândalo seguinte ocupa o lugar do anterior, como uma linha de montagem moral em que a nossa capacidade de espanto se vai desgastando.

Um país que perde centenas de milhões para a economia paralela, ano após ano, sem uma reforma séria da sua máquina fiscal, do seu sistema bancário, da sua justiça económica, é um país que ainda não se zangou o suficiente.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Enquanto isso, a Varziela continua ali, como um símbolo incômodo: um pedaço de mundo onde se cruzam caixas de mercadoria, sacos de notas e silêncios cúmplices. Não é apenas «Chinatown do Norte». É, cada vez mais, um espelho daquilo em que deixámos o país tornar-se.

Portugal, futuro: do ciclo da lavagem ao ciclo da lucidez

Um dia, talvez, este país decida inverter o fluxo: em vez de deixar sair o dinheiro que nasce torto, escolhe endireitar a economia que o produz. Em vez de viver permanentemente em modo remendo, escolhe reorganizar a máquina fiscal para ser simples, justa e inescapável. Em vez de se resignar ao papel de corredor discreto do crime económico global, escolhe afirmar-se como laboratório de transparência, com bancos que não têm medo de fechar contas suspeitas e políticos que não se escondem atrás de chavões vazios.

Até lá, estas redes continuarão a brotar, como ervas daninhas no cimento. Serão desmanteladas de tempos a tempos, com grande pompa mediática. E continuarão a crescer por baixo, discretas e eficazes, alimentadas pela mesma combinação letal: um Estado cansado, uma banca

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

da economia suja do mundo. Merece ser uma oficina de ideias limpas, de tecnologia, de ciência, de cultura, de trabalho honesto. Mas nada disso cairá do céu: será preciso, um dia, que a lucidez colectiva valha mais do que o conforto da hipocrisia.

Escrito em co-autoria por **Francisco Gonçalves & Augustus Veritas Lumen**, na crónica persistente contra o país-cenário onde a economia paralela se alimenta do silêncio dos cordeiros.

[leia]



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)